

## A ação do carro-biblioteca ou, o desafio de se incentivar o gosto pela leitura em comunidades de baixa renda

The role of the bookmobile or the challenge to stimulate reading in poor urban communities in Brazil

LIGIA MARIA MOREIRA DUMONT \*

As finalidades, o valor e as formas de atuação do carro-biblioteca são analisados à luz da realidade das comunidades brasileiras sócio-economicamente carentes. O papel de agente fomentador do gosto pela leitura é definido como a sua principal função. São relatados a experiência e os resultados obtidos em uma pesquisa de necessidades de informação em uma comunidade da periferia de Belo Horizonte.

A eficácia do carro-biblioteca como uma forma de prestação de serviços bibliotecários tem sido muito questionada ultimamente. Essas críticas podem ter sua origem em alguns fatores: na sua limitação de carga, que restringe a quantidade de acervo e de pessoal; e no seu caráter itinerante, que não propicia um serviço permanente, instalado na comunidade. Além desses fatores que se referem especificamente ao carro, ainda temos

---

\* Professora da Escola de Biblioteconomia da UFMG

um outro: a literatura concernente a carro-biblioteca é escassa e a maioria dos trabalhos publicados foi editada no exterior. Os fatores acima relacionados podem estar causando o questionamento da classe bibliotecária quanto ao valor desse serviço de extensão. Talvez seja necessário refletir um pouco mais sobre o tema, tendo como ponto de partida a realidade brasileira. No contexto social de um país terceiro-mundista, no qual uma das características populacionais mais marcantes é uma grande concentração de pessoas de nível sócio-econômico baixo, na periferia de centros urbanos, é certo que o carro-biblioteca pode vir a desenvolver uma importante função. Essa população praticamente desconhece qualquer tipo de biblioteca, como também é raramente cultivado entre ela o costume ou a tradição de ler, seja como forma de lazer, seja como forma de se obter informações. O carro-biblioteca é, então, uma das formas mais versáteis da biblioteca atingir populações mais distantes das suas agências centrais, podendo inclusive, um só veículo atender a várias comunidades, em dias alternados de visitas.

O objetivo primordial do carro-biblioteca é, portanto, o incentivo e a difusão da leitura, possibilitando que a biblioteca atinja leitores desprivilegiados e, especialmente, leitores marginalizados.

Outro objetivo é o de iniciar os serviços bibliotecários, visando à fixação de uma futura biblioteca. O carro funciona como um agente fomentador do interesse pela leitura, criando, posteriormente, uma frente provocativa de demanda de serviços bibliotecários, serviços esses que deverão ser implantados de forma permanente na comunidade, como uma sucursal de biblioteca pública, por exemplo.

O carro-biblioteca funciona ainda como ponte de mão dupla entre a biblioteca central e o seu potencial

de usuários. Conseqüentemente, essa interação de informações propicia uma prestação de serviços bibliotecários realmente adequada às necessidades de seus usuários. Ele é o serviço que levou o bibliotecário para fora, a encontrar o povo pela primeira vez no seu ambiente, ao invés de ficar esperando que o público fosse à biblioteca. O carro ampliou a influência da biblioteca, ao atingir uma parcela da população que praticamente nada lê: grupos marginalizados ou oprimidos, velhos, crianças, donas de casa, aposentados...

Verifica-se, assim, que a motivação para a leitura é um elemento essencial em todo o processo. É preciso que as pessoas leiam mais, contribuindo para o seu próprio crescimento intelectual. A leitura precisa ser democratizada, chegar a todo brasileiro. E é nesse desafio que o carro-biblioteca pode colaborar: atingir as camadas mais pobres da população brasileira, onde a leitura não é difundida, muito menos estimulada.

## A DEMOCRATIZAÇÃO DA LEITURA

Até que a leitura venha realmente a se efetivar em todas as camadas da população, é preciso que ela transponha vários obstáculos, que advêm das condições sociais, culturais e econômicas do país.

Primeiramente, existe a realidade de que uma razoável parcela da população de baixa renda é analfabeta. E nem todos que conseguem ter acesso à escola, aprendem a decodificar os símbolos escritos da linguagem; não se tornam automaticamente leitores. Para se aprender a ler, é necessário que o indivíduo passe por um processo que, segundo MARTINS (5:12), é imprescindível para que o aprendizado da leitura realmente se efetive:

“não é necessário só o conhecimento da língua e sim todo um sistema de relações interpessoais e entre as várias áreas do conhecimento e da expressão do homem e das suas circunstâncias de vida. Aprende-se a ler vivendo”.

E esse aprendizado tem que começar cedo, já nas primeiras experiências de vida, transmitidas pelo ambiente familiar.

Através de informações pessoais, obtidas com a Prof<sup>a</sup> Maria Antonieta Antunes Cunha, da Faculdade de Letras da UFMG, e também como foi referenciado por ESCARPITT & BAKER, citado por MELO (7:254), pode-se dizer que há um consenso em afirmar que o gosto pela leitura é formado na idade pré-escolar, onde igualmente se formam as atitudes fundamentais do homem. A leitura precisa fazer parte das atividades cotidianas da criança, tal como seus brinquedos.

MELO (7:254) acrescenta que o gosto pela leitura «não se aprende de forma compulsória na escola. É algo que faz parte dos padrões culturais de um país, de uma comunidade. É uma atividade que se inicia no núcleo de educação informal que é a família e encontra sustentação na vida comunitária”.

A escola pode contribuir para sedimentá-lo. Mas, a rigor, a escola ainda não descobriu o livro, não preparou o estudante para tê-lo como uma base cultural.

Para Paulo Freire, o ato de ler é um meio para o indivíduo se tornar mais consciente de si e da sociedade em que vive. Por isso, seu método de aprendizado da leitura tem como base motivacional essa afirmativa e é enfático no que diz respeito a usar material da própria vivência do educando. Ele afirma:

“na prática democrática e crítica, a leitura do mundo e a leitura da palavra estão dinamicamente juntas. O comando da leitura se dá a partir de temas significativos à experiência comum dos alfabetizados e não de palavras e temas ligados à experiência do educador”. (4:34)

Depois de se refletir sobre todas essas afirmativas, conclui-se que a tarefa de estimular a leitura não é fácil, quando se verifica que o ambiente familiar e escolar não estão oferecendo os pré-requisitos necessários à sua fundamentação e os métodos empregados nem sempre são os mais convenientes. Isso se torna patente através dos resultados das pesquisas sobre o interesse pela leitura, quando se comprova que ele praticamente não existe.

MEDINA (6) cita várias pesquisas, realizadas por estudiosos do assunto nas cidades de Brasília, São Paulo, Goiânia, Belo Horizonte, Santos e Curitiba. Em Brasília, por exemplo, detectou-se que a leitura ocupa 7,8% do total na preferência dos hábitos de lazer. Estes são os fatores constatados em quase todos os locais das pesquisas:

- há uma tendência a decrescer o interesse pela leitura depois do 2º grau;
- há uma preferência por leitura de revistas, jornais, revistas em quadrinhos;
- as mulheres lêem mais do que homens;
- os velhos lêem menos do que os jovens.

Já na pesquisa de BOSI (1), tendo por finalidade verificar, no meio das operárias da periferia de São Paulo, Capital, se existia o interesse pela leitura, foram detectadas várias limitações que impedem a operária de

ler: jornada de trabalho longa e intensa, transporte difícil e moradia distante de alguma biblioteca, a falta de centros recreativos culturais e salário todo gasto na sobrevivência. E entre aquelas trabalhadoras que lêem, constatou-se maior procura por revistas, e o motivo alegado para essa procura é que elas satisfazem os interesses de sua vivência (horóscopo, fotonovelas, vida dos artistas).

Através de contatos com pessoas que trabalham em serviços de extensão bibliotecária, constatou-se que é grande a procura de romances do tipo "água-com-açúcar", tais como **Bianca, Júlia, Karina**, obras de Barbara Kartland, etc. É bom salientar que não se pode imputar à leitura desse tipo de romance o rótulo de alienante, escapista. Ela merece uma maior atenção porque, se o leitor conseguir transcrever o texto, não o consumindo passivamente, este poderá auxiliá-lo a ter respostas para uma realidade que lhe parece de difícil solução. Caso contrário, se o leitor o apreender em total submissão, pode tornar-se vulnerável e um sujeito fácil de ser manipulado.

As pesquisas de Medina e Bosi mostram que há muito para se fazer no sentido de ampliar o número de leitores, e tudo que se afirmou até aqui, enfatizando o valor do "saber ler", é devido à sua importância como instrumento de comunicação, de relações humanas, de crescimento pessoal.

Segundo MARTINS (5:27), que baseou sua afirmativa em Paulo Freire,

"a crise da não-leitura vem de uma questão complexa: precariedade de condições sócio-econômicas, ineficiência da instituição escolar... Para a leitura se efetivar é necessário que ela venha a preencher uma lacuna em nossa vida, precisa vir de encontro

com a necessidade, de um desejo de expansão sensorial, emocional ou racional, de uma vontade de conhecer mais. Esses são pré-requisitados. A eles se acrescentam os estímulos e os percalços do mundo exterior, suas exigências e recompensas”.

A democratização da leitura depende de mudanças profundas e complexas. Depende da abolição de privilégios das camadas dominantes. Depende de uma democratização da sociedade e de mudanças nas estruturas sociais e políticas.

É nesse contexto político, econômico e social não muito favorável, que se desenvolve a ação do bibliotecário extensionista que atua diretamente em meio às camadas mais pobres da população. É um desafio, e é necessário estar consciente da situação e ser criativo, para se encontrar fórmulas que despertem o interesse dessa população pela leitura. Face a essa realidade, só há uma maneira do bibliotecário agir: levar a leitura que realmente desperte o gosto da população. Ela não se interessará se o que lhe é oferecido estiver fora do seu contexto: a primeira leitura e, posteriormente, o desenvolvimento efetivo e permanente do gosto de ler, dificilmente se concretizará.

O homem lê, num processo permanente de interação entre sensações, emoções e pensamentos. Não se cria o interesse pela leitura se essa estiver ligada à vivência do leitor. “A leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele” (4:34). Essa é a concepção de Paulo Freire sobre o desenvolvimento do gosto pela leitura e, reconhecendo sua teoria como realista e correta, é que se aconselha a transpô-la para a fundamentação de qualquer tipo de trabalho bibliotecário que vise criar e estimular o gosto pela leitura.

## UMA EXPERIÊNCIA: A DEMANDA DE LEITURA EM UM BAIRRO DA PERIFERIA DE BELO HORIZONTE

A região do Bairro Primeiro de Maio está situada na zona norte de Belo Horizonte, numa área de aproximadamente 310 ha. Sua população é estimada em torno de 15.000 habitantes e a maior parcela deles é constituída de crianças de 0 a 14 anos (47%).

A situação econômica dos habitantes é bem crítica: 76% da população não ultrapassa o nível de renda de 2 salários mínimos mensais. Tal condição torna-se ainda mais grave quando se verifica que cada habitante detentor de uma dessas rendas sustenta, em média, 3,5 pessoas.

Essa comunidade é visitada pelo carro-biblioteca da Biblioteca Pública Estadual Luiz de Bessa e a intenção de se desenvolver uma pesquisa no local (3) tinha como fim levantar a necessidade real de informações e de leitura dessa população. A partir daí seria confeccionado um audiovisual que veicularia pelo bairro, aproveitando oportunidades para ser projetado em aulas, catequeses ou qualquer outro tipo de reunião de pessoas da comunidade, estimulando a leitura e divulgando os serviços do carro-biblioteca. A projeção seria sempre seguida de um debate sobre o assunto, coordenado por pessoas devidamente treinadas do carro-biblioteca.

A execução da pesquisa cumpriu as etapas de conhecimento da comunidade e do carro-biblioteca, além da pesquisa de campo. Nessa última fase se realizou o acompanhamento "in loco" das atividades do carro por um período que permitiu a observação profunda do seu trabalho.

Foram entrevistadas as lideranças da comunidade, os moradores mais antigos, os usuários e não-usuários do carro-biblioteca. A técnica adotada foi a entrevista aberta, semi-estruturada, que oferece as vantagens de ser



flexível, de proporcionar contato mais próximo com o sujeito e de permitir processos interativos de ida e volta da informação como estratégia metodológica de retroalimentação. Além do mais, esse tipo de entrevista facilita a criação de uma atmosfera de confiança na relação entrevistador/entrevistado, incentivando a livre expressão.

A amostra de usuários a serem entrevistados foi aleatória, perfazendo um total de 10% do universo a ser pesquisado, porcentagem estatisticamente considerada representativa.

Os não usuários também foram entrevistados através de uma amostra aleatória, escolhida entre as pessoas que circulavam nas redondezas da praça onde fica estacionado o carro-biblioteca. A porcentagem de entrevistados teve como referência o mesmo número de pessoas da entrevista de usuários. Foi desenvolvida em dias normais de visita do carro e em dias de domingo.

Assim, foi possível delinear o perfil do usuário e do não-usuário da comunidade, que têm as seguintes características comuns:

- não há predominância significativa de um sexo sobre o outro;
- a faixa etária de 11 a 17 anos é a que mais transita por perto do ponto de parada do carro biblioteca;
- os estudantes e as donas de casa, são as pessoas que mais freqüentam o carro-biblioteca e mais transitam por perto dele.

Tais constatações vieram a comprovar que a amostra foi bastante coerente com as características da população do bairro.

Os motivos alegados pelos não-usuários para seu desinteresse pelo carro-biblioteca não se prendem, salvo algumas exceções, ao fato de o desconhecerem. A ale-

gação mais constante é a de que "falta tempo para ler". O resultado obtido deixa claro que a população não é naturalmente motivada para a leitura.

A leitura considerada ideal pelos não-usuários (livros didáticos) é oposta à que é realmente emprestada no carro-biblioteca (livros de ficção, revistas em quadrinhos). Tal diferença se prende, provavelmente, à tendência cultural, aliás muito comum, de que o livro didático é mais importante que qualquer outro, ou que, pelo menos, é o que deveria ser prioritariamente adquirido, quando se trata de uma biblioteca; é a concepção distorcida que muitos ainda fazem, de que a biblioteca pública tem por finalidade principal dar suporte ao ensino formal.

Mas, tanto os usuários quanto os não-usuários, quando perguntados se gostariam de obter informações mais úteis para o seu dia a dia, informações que os ajudassem a aprimorar o seu ofício, ou mesmo o seu conhecimento de questões sociais, se mostraram muito interessados em obter esse tipo de leitura. Na realidade, o carro-biblioteca não possui um acervo desenvolvido e atualizado em relação a esse tipo de publicações. Pode-se, inclusive, verificar que o pouco que oferece, os leitores retiram por empréstimo. Mas no cômputo geral da estatística de empréstimos, esse número é inexpressivo.

Nas entrevistas, foi demonstrado um grande interesse por livros e revistas do tipo "faça você mesmo", que incluem noções básicas de carpintaria, eletrônica, mecânica, hidráulica, eletricidade, corte e costura, culinária, cortes de cabelo, entre outros. É bom lembrar que, por se tratar de pessoas de renda baixa, são eles mesmos que normalmente têm que suprir suas necessidades de vestuário, de manutenção da casa e de seus bens. Muitas vezes, eles mesmos os criam ou constroem. É praticamente impossível contratar serviços de terceiros.

Como uma parcela dos entrevistados estava na ocasião desempregada ou eram biscateiros, aposentados ou donas de casa, situações também constatadas na análise da comunidade do Bairro Primeiro de Maio, justifica-se o interesse despertado, durante a entrevista, por leituras sobre algum ofício. Pode-se notar uma demanda potencial de livros e revistas que ensinam a fazer trabalhos manuais (cestaria, crochê, brinquedos, etc.), bem como os de manifestações artísticas (pintura, escultura, dança, teatro, etc.) É sabido que manifestações artísticas são comumente encontradas na periferia das grandes cidades. Talvez uma das razões para a existência dessas manifestações seja o fato de que a maioria da população migrou do interior dos estados, onde as tradições e as artes populares ainda podem ser encontradas em seu estado genuíno. Esse tipo de leitura é nitidamente demandada e o carro-biblioteca estaria assim, valorizando e incentivando a permanência dessas artes, contribuindo para reverter seu destino de estarem praticamente fadadas à descaracterização ou mesmo ao desaparecimento. Os livros profissionalizantes e os de caráter artístico poderiam, além de tudo, fornecer subsídios para uma forma alternativa de trabalho, que auxiliaria a renda individual ou familiar.

Constatou-se também, através da análise das entrevistas, a necessidade de informações úteis para a solução de problemas básicos da população. Acredita-se, portanto, que se fosse oferecido a essa comunidade folhetos de leitura fácil, que geralmente usam ilustrações para auxiliar a apreensão, certamente eles despertariam o interesse para a sua leitura. Esse tipo de folhetos pode ser encontrado em órgãos de utilidade pública, tais como: corpo de bombeiros, pronto-socorro, companhias fornecedoras de serviços de esgoto, água, luz, telefone e transporte coletivo.

O mesmo tipo de material, porém direcionado ao esclarecimento de problemas básicos de saúde e higiene, também pode ser encontrado em instituições e universidades que pesquisam questões de saneamento e saúde pública.

Para o bibliotecário, cabe lembrar que essas são publicações difíceis de ser adquiridas, pois não constam de catálogos do gênero e não são encontradas nas livrarias. A sua aquisição depende de um trabalho paciente, feito, às vezes, através de trocas morosas e burocráticas de correspondências ou telefonemas.

Através da conversa informal que a entrevista não direcionada proporciona, ficou patente a necessidade e o interesse por leitura que trata de problemas sociais e de convívio, comumente vivenciados pelas pessoas: alcoolismo, toxicomania, discriminação racial e social, prostituição, violência urbana, etc.

Essas foram as demandas observadas e a intenção de as relatar é a de trazer subsídios para trabalhos semelhantes, pois é sabido que as comunidades de periferia das grandes cidades brasileiras possuem basicamente os mesmos problemas. Portanto, acredita-se que a demanda de leitura encontrada é semelhante à que é demanda por outras comunidades das grandes cidades do país.

## CONCLUSÃO

Para finalizar, é necessário reforçar a concepção de que é imprescindível a interação dinâmica entre leitor e carro-biblioteca. Em outras palavras, a leitura que o carro oferecer aos seus leitores tem que vir de encontro aos seus interesses, às suas necessidades, à sua vivência. Além disso, deve-se despertar nos leitores o desejo de conhecer mais, estimulados pelas ocbranças e compensações da sociedade.

Entretanto, como conscientizá-los? Como transmitir-lhes essa idéia? É aqui que se faz necessária a interferência direta do bibliotecário, sua capacidade de saber transmitir, com bom senso e criatividade, qual a leitura se faz adequada àquela exata necessidade vivenciada pelo indivíduo.

E, para que o desenvolvimento de uma disposição permanente do ato de ler se estabeleça, é necessário que o leitor decodifique a mensagem que lhe está sendo transmitida, transpondo-a para a sua realidade e comparando-a com experiências pessoais. Através do confronto da mensagem transmitida e de sua própria vivência, ele tem condições de avaliar criticamente, determinando a valia ou não da mensagem recebida.

É assim que a leitura oferece a oportunidade de um crescimento pessoal: é apresentando novas opções a uma determinada situação que se está vivenciando, incitando e estimulando a auto-análise crítica, onde o leitor não é um mero receptor de mensagens, que as digere sem questioná-las. Se elas não estão dentro da sua realidade, o leitor não percebe o potencial de informações que lhe é transmitido e que pode vir a propiciar o seu engajamento, a sua participação no contexto social.

Seria ingênuo e ilusório pensar que a leitura, isoladamente, proporciona as condições de gerar uma mudança social. É necessário que a ela se agreguem outros agentes de conscientização da população, representados normalmente por organismos formais e informais, podendo-se citar, entre outros, as associações de bairros e de pais, os sindicatos, as escolas, os grupos de manifestações artísticas, os meios de comunicação de massa. Cada informação assimilada em diferentes ocasiões e situações, ao longo do tempo, é acrescentada às anteriores, fazendo com que os indivíduos subam paulatina-

mente "patamares" no seu processo de desalienação, de crescimento pessoal, e da tão almejada integração no contexto social.

Mas, por menor que seja a contribuição do carro-biblioteca diante da enormidade do problema da integração do indivíduo na sociedade, reconhece-se que ele tem um papel importante ao ajudar a vencer o desafio de se incentivar o gosto pela leitura. Desafio esse aguçado pela falta de um suporte teórico na área de biblioteconomia, pela falta de recursos, de apoio e de reconhecimento da importância desse trabalho, principalmente pelas autoridades governantes.

**The bookmobile goals, values and activities are analyzed in a realistic way, from the point of view of Brazilian poor urban communities. The main role of the bookmobile was defined as being to incentivate reading. The article relates the experience and results of a survey on information needs of a community in the periphery of Belo Horizonte city.**

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. BOSI, E. **Cultura de massa e cultura popular**; leituras de operárias. 5. ed. São Paulo: Vozes, 1981. 188 p.
2. BRANDÃO, C. R. Participar-pesquisar. In: ———, org. **Repensando a pesquisa participante**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1985. p. 7-14.
3. DUMONT, L. M. M. **Integração comunidade e carro-biblioteca**: a estratégia de uso de audiovisual. Belo Horizonte: Escola de Biblioteconomia da UFMG, 1988. 163 p. (Tese-mestrado).
4. FREIRE, P. Alfabetização de adultos e bibliotecas populares — uma introdução. In: ———. **A importância do ato de ler**; em três artigos que se completam. 3. ed. São Paulo: Autores Associados, 1983. p. 25-41.

5. MARTINS, M. H. **O que é leitura.** São Paulo: Brasiliense, 1982. 93 p.
6. MEDINA, C. A. de. **A função social do livro na atual realidade brasileira.** Rio de Janeiro: Centro Latino-Americano de Pesquisas em Ciências Sociais, 1975. 73 p.
7. MELO, J. M. de. Os meios de comunicação de massa e o hábito de leitura. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 10, João Pessoa, 1982. **Anais...** João Pessoa: Associação dos Bibliotecários da Paraíba, 1982. v. 2, p. 239-283.